

Foi com Joracy Camargo que pela primeira vez o público português tomou contacto com os novos valores da literatura brasileira. Os milhares de espectadores que durante cerca de dois meses aplaudiram em Lisboa «Deus lhe pague» foram o primeiro público que o Brasil Novo teve entre nós. Só depois disto, é que o público pôde admirar essa grande falange de romancistas que nos veio confirmar que alguma coisa de admirável se passava do outro lado do Atlântico.

Mas para o teatro português Joracy Camargo morreu e infelizmente não vejo gestos de poder ressuscitar para que mais uma vez o nosso público o possa aplaudir na sua outra peça «Anastácio» que, segundo notícias do Brasil, ainda alcançou maior sucesso do que «Deus lhe pague».

Outra vez em «Anastácio» um dos fulcros da peça é o problema económico, a que amdam ligados o social e o moral.

Um antigo imigrante passa a milionário e vai morrer descansado, porque vê tornado realidade o sonho de educar os seus dois filhos nos princípios da verdade cristã; mas, a-pesar-de toda a fortuna que lhes vai deixar, presente que não irão viver bem no convívio do Mundo cheio de maldade e hipocrisia.

Morto o pai, Fernando, um dos filhos, muito temente a Deus, ingénuo, bondoso e educado, parecia que tinha todas

as qualidades para fazer prosperar a sua imensa fortuna. Porém, cedo revelou a sua incapacidade para se livrar de negociatas e combinações escuras que os outros financeiros lhe queriam armar.

E com todas as louváveis intenções de dar incremento à cultura de algodão do seu país, de livrar o Brasil da finança estrangeira, de trazer a salvação à sua querida pátria, é metido por outros banqueiros sem escrúpulos num negócio ruinoso que dum só golpe lhe faz perder toda a fortuna.

E Fernando, resignado, não tem a mais pequena reacção activa contra a falsidade e a mentira dos outros banqueiros, que propositadamente o arruinaram, só porque êle, com as suas generosidades para o público, lhes andava a estragar o negócio. Limita-se muito vagamente a umas inocentes lamentações, sem fazer um protesto enérgico contra as maquinações da finança que iludiram a sua boa-fé.

Perdida a fortuna vai perdendo os amigos e no fim do 1.º acto já tem perdida a mulher. A resignação deste homem enganado faz sorrir o público que também já tinha sorrido de piedade, quando Fernando foi arruinado pelas suas boas intenções de salvar a economia do país. Aos olhos do público val-se tornando grotesco pela sua passividade resignada e é com mais sorrisos de piedade que Fernando é

recebido quando se entrega à prisão por falência fraudulenta que êle não cometeu.

O seu espírito de fantoche iludido e bem intencionado vai-se revelando no decorrer da peça e atinge o exagêro no momento em que êle, já na prisão, recebe a mulher, que continua a enganá-lo, e lhe perdoa todo o mal cometido. O público indignado, já não agüenta mais. Custa a acreditar como haja tanta resignação, tanta paciência, num homem cheio de qualidades, de boas intenções e de fortuna, mas que se vai alagando no lodaçal da vida sem ao menos ter um grito enérgico de revolta;—e o público reprova a atitude passiva de Fernando e reprova os factores que lhe ocasionaram a queda.

Fernando é o símbolo dos que têm qualidades e força para vencer, mas que não conhecem o caminho da vitória, por êle estar encoberto com uma rede espessa de ideias falsas e preconceitos estereis.

Uma mística cristã passa em toda a peça, mas Fernando não reúne em si as qualidades necessárias para transpor para a realidade os seus sonhos de Amor, de Bondade e de Justiça.

O público solidarisa-se com Fernando quando êle é calçado pela sociedade hipócrita, mas revolta-se contra êle quando não sabe agir para se defender.

Fernando não vê que é necessário um certo dinamismo

e uma acção harmónica com as necessidades reais que a sociedade nos mostra; por isso espera de braços cruzados, pelo triunfo longínquo; é preciso agir, abrir os braços para agarrar essa vitória que há-de ser nossa, e êle não age.

Nos olhos de Fernando há a luz dum mito redentor que vem transformar os homens e a sociedade—uma luz como há dois mil anos Cristo andou a pregar pela terra. Como Cristo, Fernando foi bondoso e perdoou mas, em vez de, como o Nazareno, expulsar os vendilhões do templo Fernando deixou-se arruinar pelos financeiros da sua pátria.

Em vez de, como Cristo, juntar à sua volta uma dúzia de apóstolos para espalharem pelo Mundo a nova luz, Anastácio (Fernando, agora no 3.º acto, depois de perder tudo até perdeu o nome) narcotizado por uma resignação revoltante, vai carpindo o seu fadário, agüentando com humilhação o fardo pesado da sua triste sina.

Torturado, afastado, recalcado, humilhado, perdeu a fortuna, a honra, a família, o próprio nome sem um gesto de defeza.

E no final, tornado vagabundo, quando é arrastado por um polícia, a sua voz não se eleva para gritar que a esperança não pode morrer no coração dos homens.

JOÃO SUOR

dentemente, escreve Louis de Broglie, constituir uma nova mecânica em que as idéas quânticas se colocassem na base da doutrina e não se sobrepusessem apenas, como na antiga teoria dos quanta».

Foram encontradas duas soluções, muito diferentes nos seus princípios, completamente equivalentes nos seus resultados: a tese de Louis de Broglie, em 1924, foi a origem da mecânica ondulatória; uma memória de Werner Heisenberg, em 1925, foi o ponto de partida da mecânica quântica.

Na base da mecânica ondulatória estão reflexões sobre o carácter dualista, a um tempo ondulatório e corpuscular, da luz. (3) Uma vez que as ondas e os corpúsculos são associados na irradiação, Louis de Broglie pensou que, analogamente, as partículas mate-

riais, electrões e protões, são acompanhados de ondas que os dirigem: «Assim o dualismo das ondas e dos corpúsculos ultrapassa o quadro da óptica. Encontramo-lo para a matéria como para a luz. E' um dos grandes princípios da natureza, talvez o seu princípio fundamental» (Louis de Broglie, 1929). Esta concepção, que estabeleceu uma ligação íntima entre a mecânica da matéria e a propagação das ondas foi fecunda para a teoria e para a experiência. Ela foi largamente generalizada pelo físico austriaco Erwin Schroedinger que formou a equação geral da propagação das ondas que está na base da nova mecânica. Além disso, a associação íntima das partículas e das ondas, que é a idea fundamental de Louis de Broglie, foi verificada pela experiência; em 1927, os americanos Davisson e Germer obtiveram, com feixes de electrões, fenómenos de interfe-

rência análogos àqueles que se obtêm com os raios luminosos; e o mesmo resultado foi obtido em seguida sob formas múltiplas.

Enquanto que a mecânica ondulatória de Louis de Broglie e Schroedinger procura penetrar a natureza íntima dos fenómenos, a mecânica quântica de Heisenberg, segunda forma das novas doutrinas, parte de princípios completamente diferentes e, sem procurar construir uma imagem dos fenómenos, propõe-se apenas obter uma descrição matemática das relações experimentais entre as grandezas observáveis, frequências e intensidades dos raios espectrais, níveis energéticos, etc. Esta mecânica quântica leva aos mesmos resultados que a mecânica ondulatória, e Schroedinger pôde demonstrar a equivalência matemática das duas doutrinas.

Uma terceira forma da me-

cânica atómica, criada, também em 1925, pelo jovem físico inglês Paul Dirac, propõe-se estender às novas doutrinas o princípio da relatividade; ela permitiu interpretar todo um conjunto de fenómenos espectroscópicos e magnéticos que tinham resistido às explicações das teorias precedentes; ela parece constituir o coramento actual da mecânica ondulatória do electrão (4).

(Extraído de Science)

F. MAROTTE

(4) Para completar o muito rápido esboço contido nas linhas precedentes, poderão consultar-se os seguintes livros, escolhidos entre aqueles de que o autor se serviu:

Louis de Broglie: *La Physique nouvelle et les quanta*, Paris, 1937.

Niels Bohr: *Les spectres et la structure de l'atome. Trois conférences*, Paris, 1923.

Max Planck: *Wege zur physikalischen Erkenntnis*, Leipzig, 1934.

(3) Estabelecido por Einstein em 1905, na sua explicação do efeito fotoeléctrico (N. do T.)